

O hotel Casa Grande e Senzala e a construção de uma memória colonial “pitoresca” pelas páginas do jornal Diário de Pernambuco (1972-1990)

The Casa Grande e Senzala hotel and the construction of a “picturesque” colonial memory through the pages of the newspaper Diário de Pernambuco (1972-1990)

Enviado em: 06-05-2021

Aceito em: 27-12-2022

André Victor Cavalcanti Seal da Cunha¹

Flávio Luan Freire Lemos²

Resumo

O artigo objetiva compreender, historicamente, a construção do hotel *Casa Grande e Senzala* e, a partir desse lugar, refletir sobre a construção intencional de uma memória colonial pernambucana na segunda metade do século XX. Utilizamos como fonte as notícias, propagandas e colunas publicadas no jornal *Diário de Pernambuco*, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Buscaremos denotar que o hotel, para além das atribuições econômicas, correspondeu a um interesse de cristalização e celebração do passado colonial, aos moldes da produção intelectual do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre. Como hipótese central, apontamos que o sucesso do empreendimento hoteleiro – também bar e restaurante – em fins do século passado, correspondeu a vontade da elite recifense em constituir um lugar de memória para experimentar os privilégios coloniais dos seus antepassados. Com isso, visamos colaborar com o debate público sobre o racismo estrutural histórico na sociedade brasileira e seus reflexos na contemporaneidade.

1 Doutor em História (UFC), professor do Departamento de História (UERN), do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN) e coordenador do PROFHISTÓRIA (UERN). E-mail: andrevseal@yahoo.com.br.

2 Graduação em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e mestre do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN). E-mail: uluanfreire@hotmail.com.

Palavras-chave: Hotel Casa Grande & Senzala. História de Pernambuco. Gilberto Freyre.

Abstract

The article aims to understand, historically, the construction of the Casa Grande e Senzala hotel and to think about the intentional construction of a colonial memory in Pernambuco in the second half of the 20th century. We used as source the news, advertisements and columns published in the newspaper *Diário de Pernambuco*, available in the Hemeroteca Nacional of the Biblioteca Nacional. We intend to denote that the hotel, in addition to its economic function, is related to an interest in celebrating the colonial past, in the realization of the intellectual production of the sociologist Gilberto Freyre. As a hypothesis, we indicate that the success of the hotel enterprise - also a bar and restaurant - at the end of the last century, corresponded to the interest of the Recife elite to constitute a place of memory to experience the colonial privileges of their ancestors. With this analysis, we seek to collaborate with the public debate on historical structural racism in Brazilian society and its reflexes in contemporary times.

Keywords: Casa Grande & Senzala hotel. History of Pernambuco. Gilberto Freyre.

Introdução

O trabalho que se segue parte da tomada de uma discussão surgida nas redes sociais, sobretudo no Twitter. Trata-se da *thread*, que é uma sequência de 31 *tweets*³, publicados entre os dias 16 e 20 de setembro de 2020, pelo usuário Cayo César. Com quase 1.500 *retweets* (ou compartilhamentos) e

3 *Tweet* é o modelo de publicação na rede social Twitter, caracterizado pela limitação de caracteres e, por isso, muitas vezes é necessária uma sequência de publicações, chamada de *thread*, principalmente quando se trata de longos textos a se postar.

aproximadamente 50.000 curtidas – dados relativos ao período da escrita dessa pesquisa⁴ –, Cayo apresentou, por meio de recortes do jornal *Diário de Pernambuco*, uma rápida trajetória histórica de um prédio atualmente abandonado no bairro de Boa Viagem, do Recife, capital pernambucana. No lugar em questão, funcionou o hotel *Casa Grande & Senzala*, empreendimento aberto na segunda metade do século XX. Ao que nos parece, os *tweets* tinham por objetivo suscitar o debate contemporâneo sobre as raízes do racismo estrutural na sociedade brasileira.

Logo, cientes do compromisso de historiadores e historiadoras, como das Ciências Humanas no geral, em nos aproximarmos e nos apropriarmos desses debates públicos surgidos, ou o que Antoine Prost (2017, p.271) nomeia por “demandas”, visualizamos uma oportunidade de pesquisa para maior aprofundamento do fato histórico resgatado e viralizado nas redes sociais. Por meio das fontes apresentadas por Cayo César, ou seja, recortes do jornal *Diário de Pernambuco*, essa pesquisa objetiva compreender as relações entre o hotel *Casa Grande e Senzala* e, a partir dele, a construção de uma memória colonial pernambucana. Inevitavelmente, teremos que relacionar esse debate ao sociólogo Gilberto Freyre e a sua influência na constituição dessa memória.

Utilizaremos o método indiciário (GINZBURG, 1989) como instrumento de investigação e tratamento da nossa fonte, buscando localizar a trajetória do empreendimento, situando-o em seu contexto sócio-histórico, como também os sujeitos que o construíram enquanto *lugar de memória* – partindo das considerações conceituais do historiador Pierre Nora (1993) – por meio das narrativas dadas a ler nas folhas do jornal. Utilizando o acervo digitalizado, realizamos buscas entre as décadas de 1970 a 1990, produzindo um amplo levantamento de notas, propagandas e colunas publicadas para divulgação do hotel na região. Assim sendo, nos é possível apontar o público-alvo de consumidores, uma vez que também funcionou como bar e restaurante.

4 A *thread* foi publicada no perfil pessoal do Cayo César (@cayoce), disponível em: <<https://twitter.com/cayoce/status/1306100395610189824>>. Acesso em 28 de dezembro de 2020.

O passado e os lugares de memória

Partindo das reflexões do filósofo Henri Bergson, pelo qual “[...] o passado não pode ser apreendido por nós como passado a menos que sigamos e adotemos o movimento pelo qual ele se manifesta em imagem presente” (BERGSON, 2006, p.49), entendemos memória como uma “organização neurobiológica complexa” (CANDAU, 2012, p.21), responsável pelo exercício de intercalar o passado no presente (BERGSON, 1999, p.77), constituindo, portanto, papel essencial na construção da nossa individualidade e coletividade, se apresentando de diversas formas, do material ao imaterial.

O sociólogo Maurice Halbwachs adentra no intenso debate teórico sobre a essa categoria analítica, apontando as conexões entre a memória individual e coletiva, ou autobiográfica e histórica, uma vez que:

[...] A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 1990, p.55).

No entanto, a memória coletiva possui, diferente da História que se pretende sempre universal, recortes específicos a determinados grupos. Portanto, sempre se limita a um respectivo espaço e tempo (*Ibidem*, p.85). Assim sendo, não se constitui enquanto elemento homogêneo de relacionar-se com o passado, ocasionando disputas de representações entre os grupos sociais. O antropólogo Joel Candau também situa a memória coletiva como “[...] uma *representação*, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo” (CANDAU, 2012, p.24-25). Ela funciona na qualidade de “combustível” para as identidades igualmente coletivas, guardadas suas particularidades e, para sua manutenção, em intenso jogo de trocas com as memórias individuais. Nesse contexto, os lugares de memória se apresentam como recurso fundamental para sustentação da lembrança de um passado coletivo.

Entendemos lugar de memória como “marcos de testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade” (NORA, 1993, p.12-13), “restos” que exige, segundo Pierre Nora (1993), uma contínua consciência comemorativa, correspondendo ao entendimento da inexistência de uma memória espontânea e um contínuo medo do esquecimento. Logo:

[...] Nossa percepção do passado é a apropriação veemente daquilo que sabemos não mais nos pertencer. Ela exige a acomodação precisa sobre um objeto perdido. A representação exclui o afresco, o fragmento, o quadro de conjunto; ela procede através de iluminação pontual, multiplicação de tomadas seletivas, amostras significativas. (*Ibidem*, p.20).

Nora também situa a necessidade de os lugares de memória atenderem ao sentido material, simbólico e funcional, que devem se interrelacionarem, de modo geral:

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número, uma maioria que deles não participou. (*Ibidem*, P.22).

Pensando particularmente do exercício de “resgate” do passado colonial pernambucano, supomos tratar-se de uma memória social que “[...] identifica um grupo, conferindo sentido ao seu passado e definindo as suas aspirações para o futuro” (FENTRESS; WICKHAM, 1992, 41-42). A construção de um hotel cuja arquitetura, decoração e serviços intencionam reconstituir uma imagem do passado, como nos aprofundaremos a seguir, corresponde ao desejo de voltar às origens dos grupos abastados, sobretudo, do Recife, na segunda metade do século XX.

Ainda sobre o debate teórico acerca da categoria memória, Andreas Huyssen (2000) nos fala sobre como o “medo do esquecimento” levou a sociedade a um intenso exercício de recordação total, correspondendo a um processo de *musealização*, que em suma são lugares de “alimentação” da memória humana (HUYSSSEN, 2000, p.19-20). Logo, pressupomos, e buscaremos denotar ao longo desse trabalho, que o hotel *Casa Grande & Senzala*, para além das atribuições econômicas, correspondeu a esse

interesse de cristalização e celebração do passado reconstituído, principalmente, pela escrita do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre. Assim sendo, pretendemos também enfatizar a memória como “elemento essencial” (LE GOFF, 1990, p.476.) na construção da identidade da elite recifense no período histórico da nossa investigação.

No entanto, antes de começarmos nossa trajetória, e para não perdermos de vista a noção econômica também pretendida pelo empreendimento, se faz necessário situá-lo no contexto do turismo e da rede hoteleira nacional e local do século XX.

Breves notas sobre o surgimento e expansão turismo e da hotelaria

As atividades relacionadas ao turismo são localizadas desde os primórdios da humanidade. Arthur Bosisio nos fala que se encontra no desejo dos seres humanos de experimentação do novo, de “ultrapassar fronteiras” (BOSISIO, 2015, p.07). Se observarmos a partir da antiguidade ocidental, o turismo caracteriza-se enquanto atividade econômica com o surgimento dos jogos olímpicos no século VII a.C., perpassando o Império Romano, as cruzadas e peregrinações religiosas da Idade Média, como o conhecido “Caminho de Santiago de Compostela”, fomentando também, a necessidade de estruturação dos lugares de passagem e acomodação dos grupos circulantes pela Europa e Além-mar.

Aliás, a história do turismo e da hotelaria se entrelaçam, a segunda como consequência da primeira. Se pensarmos no caso do Brasil, apenas no século XIX, com a vinda da corte portuguesa a colônia brasílica em 1808, inaugurou uma era de reestruturação da nova capital imperial para acolher não apenas a burocracia luso-brasileira, mas o intenso movimento comercial de seu porto, consequência da abertura comercial. Bosisio (2015, p.21-22) pontua ainda que o crescimento exponencial do mercado turístico ocorre, para além da capital, apenas na segunda metade do século XIX, ainda timidamente. Desenvolvimento esse que, em sincronia com a evolução dos transportes, correspondeu a massificação do turismo em escala internacional, quando as

viagens começaram a ter por característica essencialmente o prazer recreativo. É importante enfatizarmos também os avanços no âmbito dos direitos trabalhistas, sobretudo nas nações do hemisfério norte, com o advento, por exemplo, das férias anuais.

No Brasil, o governo do Getúlio Vargas é apontado, segundo Dirceu Marroquim (2015), como fundamental no amadurecimento e institucionalização do turismo a nível nacional em fins da primeira metade do século XX. Foi no Estado Novo e com a criação da Divisão de Turismo, dentro do Departamento de Imprensa e Propaganda, que se situou a atividade turística dentro dos objetivos de divulgação internacional do Brasil; “[...] os membros do DIP esquartejavam o país áreas de zonas de interesse para a prática turística, criando nichos de investimento para cada região” (MARROQUIM, 2015, p.41).

Esses primeiros desenhos institucionais influenciaram, regionalmente, governos estaduais e municipais, criando setores para pensar estratégias e políticas públicas para o turismo. No caso de Pernambuco, e especificamente no Recife, Marroquim apresenta a criação desses setores especializados dentro de departamentos e diretorias dos governos locais a partir de fins da década de 30. Aliás, Recife é um ponto econômico importante historicamente e, portanto, lugar de intensos debates sobre sua estrutura turística e hoteleira.

A segunda metade do século XX, e a popularização dos aviões como meio de transporte, foi fundamental na construção de pontes entre países e continentes. Acrescenta-se a isso, como já mencionamos acima, o processo de *musealização*, correspondendo a construção de equipamentos atrativos para o turismo cultural. A partir da década de 60, no Brasil, com a criação da Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR, no ano de 1966, no contexto da ditadura civil-militar, tivemos um exponencial desenvolvimento do setor incentivada por políticas públicas. A criação da estatal está inserida dentro do também criado Sistema Nacional de Turismo, cujo objetivo estava em inserir o Brasil no momento global de ascensão do turismo, promovida sobretudo pela expansão das linhas aéreas e do acesso a esse meio de transporte. Segundo Mariana Lopes e Panosso Neto (2021, p.205), o setor de turismo foi visto como uma área de potenciais ganhos econômicos para o país. É nesse momento histórico

que teremos ainda a criação, a partir da iniciativa do Estado autoritário, de uma indústria cultural, balizado pelos mecanismos de censura. Portanto, o turismo e a cultura se entrelaçam na constituição do país como um lugar atrativo para as pessoas.

Apesar das crises econômicas a nível internacional e nacional, apontadas por Bosisio (2005, p.32-33), tivemos ciclos de investimentos do capital internacional e estatal, este último sobretudo na infraestrutura rodoviária, viabilizando o turismo interno. Companhias internacionais como Caesa Park, Novotel e Intercontinental Hotel Corporation, investiram na construção de modernos e luxuosos empreendimentos hoteleiros e turísticos, colaborando também na verticalização dos nossos centros urbanos.

No que diz respeito a hotelaria recifense, a pesquisa de Annara da Silva, intitulada “O processo de reorganização espacial da hotelaria do Recife” (2007), nos apresenta a trajetória e algumas características dessa atividade econômica no período histórico aqui analisado. A hotelaria na capital pernambucana, tem por ponto de partida as estalagens e hospedarias em torno do rio Capibaribe, atendendo a um público que buscava lazer e clima ameno, e de maneira mais concentrada na região central, atendendo a uma demanda de pessoas que desembarcavam na cidade à negócios (SILVA, 2007, p.91-92).

As décadas de 40 e 50 do século XX caracterizou-se pela inauguração de empreendimentos sofisticados na área central, todavia, a partir das décadas de 60 e 70, com a verticalização da cidade e o que Annara da Silva compreende por processo de “deseconomias urbanas”, que:

[...] referem-se ao processo que é percebido através de um conjunto de fatores, dentre os quais se destacam os seguintes: elevação dos preços dos solos e impostos dos imóveis das áreas, problemas de acesso voltados, especialmente, à indisponibilidade de locais para estacionamento. Além desses aspectos, faz-se mister citar problemas concernentes à condição do meio ambiente físico da área, sendo caracterizado pela deterioração e falta de comodidades representadas, por exemplo, pela poluição em seus vários aspectos: sonora, visual e do ar. (*Ibidem*, p.78-79).

Temos o advento do bairro litorâneo de Boa Vista como lugar da residência e boemia dos recifenses mais abastados, em contraposição aos tradicionais bairros centrais. Até a contemporaneidade, caracteriza-se ainda

como zona de alto padrão econômico e um dos cartões postais do estado. É dentro desse contexto histórico local, principalmente no que se refere aos investimentos privados fora da região central da cidade, que o hotel *Casa Grande & Senzala* é inaugurado no bairro em 1972, vindo a ocupar o *status* de “lugar da moda” se compararmos ao que foi o Hotel Boa Viagem nas décadas anteriores (*Ibidem*, p.101), sobretudo pelas suas peculiaridades arquitetônicas, cuja temática visava celebrar o passado colonial e homenagear a obra de Gilberto Freyre.

De acordo com o levantamento realizado na pesquisa da Annara da Silva, o hotel de interesse da nossa pesquisa esteve com suas portas abertas até os primeiros anos do século XXI⁵. Atualmente, o prédio, localizado na Avenida Conselheiro Aguiar, funciona com pontos comerciais no espaço térreo e sua fachada original se destaca em meio aos prédios verticalizados da região, suscitando curiosidades sobre suas origens.

A escrita de Gilberto Freyre e a constituição de uma memória colonial brasileira

Por ser um hotel temático baseado na obra de mesmo nome, escrito por Gilberto Freyre, que inclusive se fez presente na noite de sua inauguração, em 14 de novembro de 1972⁶, denota a existência de estreitas relações entre ambos, observadas também na documentação. É notável a colaboração do sociólogo em diversos setores no âmbito nacional e, sobretudo regional. Se olharmos pela ótica do turismo, veremos contribuições críticas por meio da

5 Ao final de seu trabalho dissertativo, a pesquisadora apresenta nos apêndices listagens de hotéis no Recife entre as décadas de 1930 à 2006. O hotel Casa Grande e Senzala aparece nas listas das décadas de 70 até o final de 90, não aparecendo na última lista correspondente a o ano de 2006.

6 Casa Grande & Senzala. *Suplemento Social do Diário de Pernambuco*. Recife, 24 de dez. de 1972. p.03.

escrita de artigos ou mesmo de obras, como seu livro *Guia Prático, Heroico e Sentimental da Cidade do Recife* de 1934⁷.

Sua escrita afetiva e sensível marcam de maneira característica seus ensaios, transformando-se em pontes entre o presente-passado de Pernambuco. Antes mesmo da sua morte, em 1987, sua residência no Recife transformou-se em museu, sede da Fundação Gilberto Freyre, localizada na Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre, tornando-se, inclusive, um ponto turístico da cidade. Portanto, podemos apontar que o processo de *musealização* do século XX, o eternizou antes mesmo da sua morte. Naiara Silva (2015, p.220) afirma que Freyre elaborou “[...] uma memória, um afeto e uma história para a nação brasileira”, por meio das obras *Casa Grande & Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Ordem e Progresso* (1959). Os seus ensaios inovaram ao visualizar um futuro positivo para o Brasil, diferente do pessimismo vigente no período de escrita, quando “[...] redime a colonização portuguesa, sempre diminuída frente ao processo colonizador inglês, admite e valoriza o legado da cultura e da etnia africanas na formação social do país e apresenta, em tons otimistas, a nação” (*Ibidem*, p.222-223).

Trata-se de narrativas híbridas, pois a imagem construída sobre um Brasil colonial misturou elementos da historiografia com as suas experiências, um olhar nostálgico sobre as transformações sociais observadas ao longo da sua vida. Observa-se uma escrita de “resgate”, por exemplo, dos “[...] sabores, dos odores, das condições de higiene, da natureza e do clima agrestes” (*Ibidem*, p.224). Esse otimismo ao observar a ordem social brasileira em sua produção intelectual, é marcado pela celebração das raças, principalmente em relação as contribuições positivas dos africanos na concepção de um povo e uma nação miscigenada nos trópicos. Alfredo Melo compreende que a obra *Casa Grande & Senzala* (1933) sugeriu uma “política de memória”, cujo objetivo seria “[...] fazer um ajuste de contas com o trauma da escravidão”

7 Servindo inclusive de fontes para o pesquisador Dirceu Marroquim em seu trabalho “Entre sujeitos e instituições: turismo no Recife entre os anos 1939 e 1944” (2015), pensando não apenas a institucionalização da atividade turística na cidade, mas as representações construídas por intelectuais do período sobre a mesma.

(MELO, 2009, p.279), uma “[...] rememoração coletiva, rememoração de uma geração cuja socialização primária foi fortemente marcada pela presença do negro, especialmente da mulher negra” (*Ibidem*, p.283), concluindo que sua produção destinava a narrar as experiências da elite brasileira que se urbanizava nas primeiras décadas do século XX.

A articulação dessa “política de memória” por Gilberto Freyre, segundo Alfredo Melo (2009), ocorre por duas estratégias: uma escrita baseada em lembranças, como denotamos anteriormente recorrendo ao trabalho da Naiara Silva (2015), e usando sua “autoridade intelectual” ao cruzar fontes e teorias na desconstrução dos estereótipos criados sobre os negros e negras no Brasil. Todavia, a constituição de uma memória implica também em silenciamentos e esquecimentos. Andreas Huyssen (2014, p.42), ao analisar os esquecimentos públicos tanto da ditadura militar na Argentina, como de aspectos do nazismo na Alemanha, aponta o uso do esquecimento, ou das “lembranças negadas”, para a de produção de “consensos nacionais” sobre o passado. Trazendo essa categoria para pensar os silenciamentos da produção de Freyre, o ocultamento das violências do período de escravização no Brasil, romantizando-as em diversos aspectos, é um dos pontos fulcrais das críticas recebidas dos intelectuais e movimentos organizados por negros e negras desde as primeiras edições lançadas dos seus livros.

A perspectiva de Freyre, imortalizadas em sua escrita ensaística, colaborou de sobremaneira na construção de uma isenção da elite econômica brasileira da longa exploração econômica da mão-de-obra escravizada. Se em fins do século XIX tínhamos a construção de teses raciais que justificavam as hierarquias sociais, ao longo do XX (MELO, 2009, p.285), no Brasil, desenvolveu-se a perspectiva de “democracia racial” enquanto discurso:

[...] baseado na premissa de que o Brasil é um país no qual a interpenetração de etnias e culturas aconteceu de um modo verdadeiramente exitoso, o que levou à formação de uma sociedade sem rígidas categorizações raciais e sem intensos preconceitos. (*Ibidem*, 287).

Aponta-se que o pensamento freyriano, principalmente na obra *Ordem e Progresso* (1959), colaborou sobremaneira nessa tese, que não é uma produção exclusivamente sua, apesar que:

[...] Embora seja correto afirmar que Gilberto Freyre nunca tenha empregado o termo “democracia racial” nas suas principais obras da década de 1930, também seria certo aduzir que a sua obra participa com muita intensidade do pacto da democracia racial, servindo como um verdadeiro lastro intelectual para o funcionamento (precário) desse pacto. (MELO, 2020, p.116-117).

É uma perspectiva que não se restringe a elite econômica, está incorporado em diversos setores da sociedade, imiscuído na própria identidade elaborada para a sociedade brasileira. Alfredo Melo (2020) em sua análise dos escritos de Freyre, situa-o como uma espécie de intelectual visionário, onde o Brasil seria uma “zona de confraternização” das raças. A democracia racial, nesse sentido, caracteriza-se pela noção de *performance*, pois a tolerância se fazia presente na ação dos indivíduos em coletividade, e enquanto uma *pedagogia*, ao elencar a necessidade de valorização da diversidade cultural como um dos princípios de educação das gerações (MELO, 2020, p.117).

Assim sendo, acreditamos que sob o signo da democracia racial, o hotel *Casa Grande & Senzala* construiu sua peculiaridade na rede hoteleira da região. O entrelaçamento entre sua concepção estrutural e artística com os escritos de Freyre, e as estreitas relações entre ambos a partir do seu funcionamento, garantiram a constituição de uma imagem simbólica e concreta do passado colonial para os frequentadores do bar e restaurante anexo ao serviço de hospedagem ofertado.

O hotel *Casa Grande e Senzala*: celebrando Gilberto Freyre e o passado colonial

Como já nos referimos, a nossa fonte de acesso ao período serão as publicações do *Diário de Pernambuco*, a partir dela destacamos duas colunas sociais importantes, que apresentaram para a sociedade pernambucana detalhes, notícias e impressões sobre o hotel. Trata-se das colunas sociais

escritas por Thaís Notare e do João Alberto⁸. Aliás, foi do último que localizamos a primeira informação acerca do empreendimento no jornal: “O Recife vai ganhar, muito breve, um novo hotel. Será o ‘Casa Grande’ em Boa Viagem, que está em fase de acabamento e fica na Conselheiro Aguiar. Será para executivos e terá um barzinho com o nome de “Senzala”⁹. Nota publicada tanto em abril como em maio de 1972, já indicando o público-alvo dos serviços oferecidos.

Em novembro, mais detalhes são revelados:

O Recife vai ganhar o primeiro hotel típico do Nordeste, com a inauguração do Casa Grande e Senzala, cuja arquitetura e decoração recompõe o nosso mundo colonial. Na decoração, inclusive, todos os instrumentos de suplício dos escravos e os hóspedes serão servidos por mucamas e escravos trajados ao rigor da época colonial.

A decoração deste hotel, que fica em Boa Viagem, tem trabalhos de Brennand, Corbiano e outros artistas, sendo tudo baseado no grande livro do mestre Gilberto Freyre. (ALBERTO, João. *Diário de Pernambuco*, Recife, 26 de nov. 1972. Terceiro Caderno, p.03).

Nota-se a pretensão do hotel, construído e gerido inicialmente pelo Grupo de Vettori, em assentar suas bases no passado colonial da escrita de Freyre, uma temática levada ao extremo, onde instrumentos de tortura dos escravizados comporiam a decoração do ambiente, somando as obras de outros artistas renomados da região. O fato dos funcionários se caracterizarem de escravizados, “trajados ao rigor da época colonial”, será projetado e reverberado nas folhas no jornal no recorte histórico de nossa investigação.

Ora, é também no mês de novembro, no exercício de intensificação da divulgação do empreendimento, que se publicou pequenas notas com os seguintes dizeres: “Brevemente seus desejos serão atendidos por 42

8 Thaís Notare e João Alberto foram um dos principais nomes das colunas sociais da capital pernambucana em fins do século XX. A partir do *Diário de Pernambuco*, apresentavam o cotidiano das famílias abastadas do estado e seus eventos luxuosos. Ambos também estiveram presentes em programas televisivos na TV Rádio Clube. Com exceção de Thaís, falecida em 2019, João Alberto segue com a mesma cobertura, agora por meio de *blog*, atuando ainda enquanto entrevistador na TV Tribuna.

9 ALBERTO, João. Hotel. *Diário de Pernambuco*, Recife, 16 de abr. 1972. Segundo Caderno, p. 06.

escravos”¹⁰. Se compreendermos que o público-alvo já foi explicitado – executivos e sociedade pernambucana de alto padrão recifense¹¹ –, e as referências para construção do lugar, os escritos de Gilberto Freyre, como também o apelo as peculiaridades do atendimento, podemos supor as intensas relações de constituir uma memória baseada numa tradição colonial, tornando-a uma “peça do jogo identitário” (CANDAU, 2012, p.122) do grupo social em questão. A festa de inauguração, um grande evento social, pode sustentar nossa hipótese:

O coquetel de Inauguração foi um extraordinário acontecimento social, reunindo muita gente de prestígio do nosso Society. Todos fazendo questão de abraçar o casal Gianne de Vittori (ela, superchic, de vermelho), pelo presente que davam ao Recife (Ele me contou que gastou cerca de 1,6 milhões na obra). (ALBERTO, João. *Diário de Pernambuco*, 16 de dez. 1972. Segundo Caderno, p.03).

O texto segue elencando algumas personalidades presentes, descrevendo-as a partir de suas recentes viagens internacionais e, sobretudo, seus trajes. Gilberto Freyre se destaca entre os convidados, presenteando o estabelecimento com a receita secreta da sua batida de pitanga, famoso licor “[...] comentado por todos que o provam no Solar de Apipucos” [*Ibidem*]. Como já nos referimos anteriormente, a administração do hotel e o autor constroem uma relação bastante íntima. Podemos também considerar o estabelecimento como uma celebração do trabalho intelectual de Freyre. O restaurante Mucama e o bar Recife Antigo, brindaram o bairro nobre de Boa Vista com “[...] um

10 Anúncio publicado nas edições: (1) *Diário de Pernambuco*, Recife, 12 nov. 1972. Segundo Caderno, p. 05; (2) *Diário de Pernambuco*, Recife, 15 nov. 1972. Primeiro Caderno, p. 03; (3) *Diário de Pernambuco*, Recife 22 de nov. 1972. Primeiro Caderno, p. 09; e (4) *Diário de Pernambuco*, Recife 05 de dez. 1972. Primeiro Caderno, p. 09.

11 As colunas sociais registram o *frenesi* do restaurante e bar do hotel, e cardápio regional, em almoços e jantares com grandes executivos locais, como do empresariado da Rede Globo (Homenagem à Rede Globo, *Diário de Pernambuco*, Recife, 31 dez. 1972, Primeiro Caderno, p.25) a qual publica-se com uma das poucas fotos do estabelecimento e funcionárias vestidas de mucamas; desfiles e exposições artísticas em seu saguão (ALBERTO, João. Ricardo de Castro. *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 de abr. 1984. Caderno Viver, p.03); ou a frequente visita de políticos, como do governador Miguel Arraes (Arraes no Casa-Grande. *Diário de Pernambuco*, Recife, 28 de set. 1989. Caderno Viver, p.03).

‘clima’ muito pernambucano ao ambiente colonial”¹². Inclusive, criou-se um memorial ao autor no mesmo ano de sua morte, em 1987¹³.

Ainda no mês de sua inauguração, em dezembro de 1972, publicou-se uma das propagandas mais emblemáticas sobre o hotel que reproduziremos, recortada, na *figura 01*:

Casa Grande Hotel e Senzala Bar.
A volta em grande estilo ao passado colonial.
A arquitetura barroca.
O primeiro hotel típico do Nordeste.
De alta classe turística.
Planejado nos mínimos detalhes, recompõe toda uma época.
A decoração, que mostra todas as peças de suplício da escravatura, foi criada por Antero Paiva e Casa Holanda, com a colaboração de Francisco Brennand e Corbiniano.
Os apartamentos são mobiliados em estilo colonial primitivo.
Porém, com todo o conforto do século XX: ar condicionado, telefone, geladeira e banheiro.
E a recepção do hotel está ligada a uma grande agência de turismo.

Quanto a cozinha, quitutes e pratos regionais, além da "a la carte" internacional.
O serviço, executado por mucamas e escravos com trajes da época. Enfim, todo um ambiente foi recriado.
Para que você possa voltar em grande estilo ao mundo colonial!
E, aos seus pés, os nossos 42 profissionais. Escravos dos seus desejos.

Hotel Casa Grande & Senzala
DE VETTORI TURISMO E HOTELARIA S/A.
Conde de Aguiar, 5000 - Praia de Boa Viagem
Recife - Pernambuco

Uma empresa
DEVETTORI

Figura 1: Recorte da propaganda disponível em: *Diário de Pernambuco*, 21 de dez. 1972. Caderno Especial, p.13.

Com título “Hospede seus desejos nessa arquitetura colonial, eles serão atendidos por 42 escravos”, a propaganda convida seus clientes para uma “volta em grande estilo ao passado colonial”, em um ambiente temático “em estilo colonial primitivo”, mas com o conforto da contemporaneidade, tendo “aos seus pés, os nossos 42 profissionais. Escravos dos seus desejos” e com eles “peças de suplício da escravatura” recriadas especialmente para o empreendimento. O lugar se tornou uma experiência de basicamente todas as

12 BRANCO, Ângelo Castelo. Ponto a Ponto: o alto astral do “Mucama”. Recife, 27 de set. 1989. Caderno Turismo. P.03.

13 ALBERTO, João. Reabrindo as portas. *Diário de Pernambuco*, Recife, 13 de dez. 1987. Caderno Viver, p.03.

percepções humanas, inclusive gustativa, uma vez que o restaurante oferecia ceias especiais aos domingos “[...] com as melhores receitas culinárias do tempo de nossos avós”, a propaganda informava que “[...] no terraço colonial você vai voltar a um passado delicioso e morder com muita emoção quitutes que tornam a gula um verdadeiro pecado”¹⁴.

Assim sendo, todo esse exercício de vislumbre e celebração do passado colonial, auxiliado pelas elaborações intelectuais de Freyre, cruza interesses econômicos, na construção de um empreendimento peculiar em meio a rede hoteleira da capital pernambucana. Tudo isso envolto com questões identitárias – na materialização de um passado comum – a qual um grupo social desfrutou, por exemplo, da servidão da mão-de-obra escravizada, simbolizada com os funcionários do hotel. O antropólogo Joël Candau, em apropriação das reflexões de Pierre Nora e Maurice Halbwachs, evidencia também a consolidação dos lugares de memória sob a razão estagnação do tempo, ou “bloquear o trabalho de esquecimento” (CANDAU, 2012, p.156-157), na constituição de uma função identitária da comunidade que atua na manutenção e transmissão da memória. É, sobretudo, um lugar colocado para consumo. Nesse caso particular, trata-se de um público curioso em vivenciar os privilégios de um passado colonial experienciado por seus avós, bisavós, enfim, seus antepassados. Curioso também a forma de projeção dessa memória, que transborda os limites geográficos do Pernambuco, apresentado como parte das tradições nordestinas.

Aliás, o hotel Casa Grande e Senzala apela para o aspecto regionalista e, a partir do nosso levantamento de fontes no jornal, foi uma proposta exitosa. Em nota do colunista Aldo Paes Barreto, sobre a campanha municipal de promoção do turismo em 1979 nomeada “Viva o Recife”, o mesmo destaca a decepção dos turistas ao desembarcar e notar que “[...] a não ser em remotas calçadas ou, brevemente, no hotel Casa Grande & Senzala, nenhum hotel serve sobremesas ou jantares tipicamente pernambucanos”¹⁵. Sua internacionalização acontece através de projetos como do cineasta Jean Pierre

14A ceia, os quitutes, os domingos. *Diário de Pernambuco*, Recife 15 de abr. 1973. Segundo Caderno, p.02.

15BARRETO, Aldo Paes. Diário Político: Rápidas. *Diário de Pernambuco*, Recife, 30 de set. 1979, p.02.

Manzon, incluindo imagens do hotel em seu filme promocional sobre o Brasil, exibido no *stand* da EMBRATUR na Feira ITB de Berlim de 1989, assistido também por passageiros das aeronaves que faziam rotas intencionais para a América do Sul¹⁶.

Ademais, também foi bastante requisitado para comemorações públicas e privadas, como a festa comemorativa dos 40 anos da obra *Casa Grande & Senzala*, em 1979¹⁷, ou do cinquentenário da EBCT (Correios)¹⁸, para citar alguns exemplos. O hotel cedia “gentilmente” seus “escravos” e “mucamas” que serviam coquetéis e pratos da culinária regional, contribuindo na “recriação do ambiente patriarcal” freyriano e seus detalhes pitorescos¹⁹.

Assim sendo, podemos notar uma certa influência nadécada de 70, ocupando um lugar de destaque no cenário local pelos múltiplos aspectos que o constituiu, já mencionados ao longo do texto, somando-se a popularidade de Gilberto Freyre e, sobretudo, após sua morte. Um último exemplo do que afirmamos, está na coluna *Leia Léa*, ao tecer comentário sobre o estilo das aeromoças. Problematiza-se a ausência das “moças de cor” nas companhias no Brasil, já que o “[...] país se vangloria de não ser racista, de aceitar bem os negros em qualquer estágio social, ainda não teve coragem de adotar uma só aeromoça negra, ou mulata”²⁰, e ao buscar exemplos que justifique a sua colocação, apontou o hotel Casa Grande e Senzala como exemplo, com seus funcionários “mulatos fortes” e “[...] mulatas vestidas de mucamas, porém com uma educação cuidada e um trato muito delicado, por que não usar a mesma idéia em nossas aeronaves.”²¹. Interessante a observação da coluna,

16 Casa Grande a bordo. *Diário de Pernambuco*, Recife, 15 de mar. 1989. Turismo, p.04.

17 Festa para Gilberto tem escravos e mucamas de “Casa Grande & Senzala”. *Diário de Pernambuco*, Recife, 15 de mar. 1974, p.03; Roteiro. *Diário de Pernambuco*, Recife, 20 de mar. 1974. Segundo Caderno, p.06.

18 EBCT faz lançamento de selo. *Diário de Pernambuco*, Recife, 14 de jan. 1984. P.04.

19 *Ibidem*.

20 Leia Léa: Aeromoça. *Diário de Pernambuco*, Recife, 22 de jun. 1973. Segundo Caderno, p.06.

21 *Ibidem*.

sobretudo em como menciona a representação do país enquanto uma democracia racial, relacionando ao hotel e, indiretamente, ao debate público pelo qual Gilberto Freyre foi um dos principais colaboradores, como já apontamos anteriormente.

De modo geral, se situarmos a memória como um “[...] processo de reestruturação ativa em que elementos podem ser retidos, reordenados ou suprimidos” (FENTRESS; WICKHAM, 1992, p.58), é bastante interessante a construção memorialística realizada pelos idealizadores do hotel. Para construção do ambiente “pitoresco”, não se furtou em trazer do passado, elementos simbólicos dos tempos da escravização, como os instrumentos de suplício já mencionados. Há também a manutenção simbólica das hierarquias sociais, quando os funcionários são chamados de “escravos” e propagandeados nas páginas do jornal para servir os desejos de seus consumidores.

Dialogando novamente com o antropólogo Joël Candau (2012, p.167), compreendemos como a memória da escravidão é manipulada pela *branquitude* brasileira, na manutenção da inferioridade da identidade afro-brasileira, e podemos perceber isso na manipulação realizada em meio ao desejo memorialístico do empreendimento. Trata-se de estabelecer os papéis sociais do sistema econômico colonial, na ênfase das figuras dos escravizados que servem os seus senhores, *performatizados* pelos funcionários e clientes. Todas as características desse “senhor lugar” foi bastante “[...] procurado por todas as figuras ‘vips’ que ali fazem o seu ponto de encontro”²², denotando a recepção positiva da sociedade, tornado o estabelecimento bastante popular e referência em serviço de entretenimento da elite recifense e hoteleira.

Considerações Finais

O hotel Casa Grande & Senzala foi um empreendimento que se destacou no luxuoso bairro de Boa Viagem pelas suas peculiaridades. Munido

22 SOBRAL, Thaís Notare. *Domingo: Revista Semanal do Diário de Pernambuco*, Recife, 04 de nov. 1973, p.03.

de sua proposta de oferecer a seus clientes uma volta ao passado colonial, apelando para os escritos do sociólogo Gilberto Freyre, foi inaugurado em 1972 com a participação da nata recifense. Nossa análise se centrou no lugar que essa memória desejada situou as lembranças da escravização, ao caracterizar seus funcionários de mucamas e escravos aptos a servir seus senhores. Consolida-se na rede hoteleira e gastronômica da cidade por seu aspecto identitário, ao produzir uma narrativa ligada a uma tradição colonial dos tempos dos engenhos de açúcar, nostálgico para Freyre e sua escrita afetiva e preocupada com as mudanças desde a desintegração da ordem econômica imperial.

Na contemporaneidade, temos alguns casos de estabelecimentos, eventos, entre outras manifestações que também apelaram para as imagens de um passado colonial brasileiro e, diferente do hotel estudado nesta comunicação, repercutiram de maneira negativa na mídia. É o caso do baile da Vogue, festa natalícia da diretora Donata Meirelles, em 2019, com temática colonial, posando para foto em um trono acompanhada de negras fantasiadas de escravizadas. A fotografia que circulou pelas redes sociais nos dias que se seguiu gerou críticas e notas de repúdio por personalidades públicas, instituições e movimentos sociais. Inclusive, estudos acadêmicos se apropriaram da discussão, temos trabalhos como o da Thayse Ribeiro em *O racismo e o discurso jornalístico: o acontecimento Donata Meirelles* (2019), e o estudo coordenado pelo professor Cláudio do Carmo intitulado *Os diferentes olhares sobre o caso da festa da revista Vogue Brasil: Acepções e perspectivas críticas*. (2019).

Ambas as pesquisas, de modo geral, analisam as narrativas construídas sobre o evento, situando o papel do mito da democracia racial na naturalização e interdição do debate acerca de práticas racistas. É possível prospectar, dentro dos limites das nossas análises, que a contínua desarticulação do movimento negro no Brasil, consequência do abafamento e perseguição no período entre o Estado Novo e Ditadura Civil-militar, podem ter colaboração na não contestação do empreendimento na época – Por exemplo, o Movimento

Negro Unificado (MNU) é uma construção iniciada em fins da década de 70, momento da nossa redemocratização.

Não deixamos de lado o aspecto econômico da proposta do hotel, ora, o desejo de memória, seu efeito de *patrimonialização* dos lugares ao longo do século XX foi fundamental na promoção do turismo em escala global, na confecção de seus cartões postais, museus, entre outros equipamentos públicos e privados. Mas o sucesso e a procura da elite pernambucana pelo hotel, também bar e restaurante, correspondeu ao interesse desse grupo social e o seu “pensar retromaniaco” (CANDAU, 2012, p.159-160), o desejo de voltar as suas origens, de vivenciar os privilégios dos seus antepassados.

Essa supervalorização do passado colonial através desse lugar de memória em questão, por fim, pode nos mostrar características interessantes da nossa elite econômica. Seu desejo coletivo de eximir-se da responsabilidade pela subalternização dos afro-brasileiros e sua cultura, como também o total conforto de eleger como lugar de entretenimento, um ambiente que, por exemplo, orgulhosamente exibia instrumentos de suplício dos negros e negras, submetidos a escravização por mais de 300 anos no território brasílico. Não esgotamos a nossa fonte, afinal, o hotel esteve aberto, entre reformas e reinaugurações, por cerca de 30 anos. Esperamos que nossos apontamentos e conclusões abram caminhos para a continuidade do debate público e acadêmico sobre esse emblemático empreendimento da capital pernambucana.

Agradecimentos

Pesquisa realizada com o apoio do Programa de Demanda Social (CAPES/DS).

Fontes

A ceia, os quitutes, os domingos. **Diário de Pernambuco**, Recife, 15 de abr. 1973. Segundo Caderno, p.02. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/41016>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

ALBERTO, João. Hotel. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 de abr. 1972. Segundo Caderno, pág. 06. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/26686>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

_____. **Diário de Pernambuco**, Recife, 26 de nov. 1972. Terceiro Caderno, p.03. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/35492>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

_____. Gilberto Freyre dá receita da batida de pitanga ao “Casa Grande & Senzala”. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 de dez. 1972. Segundo Caderno, p.03. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/36316>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

_____. Reabrindo as portas. **Diário de Pernambuco**, Recife, 13 de dez. 1987. Caderno Viver, p.03. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/128815>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

_____. Ricardo de Castro. **Diário de Pernambuco**, Recife, 11 de abr. 1984. Caderno Viver, p.03. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/74189>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

Arraes no Casa-Grande. **Diário de Pernambuco**, Recife, 28 de set. 1989. Caderno Viver, p.03. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/159959>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

BARRETO, Aldo Paes. Diário Político: Rápidas. **Diário de Pernambuco**, Recife, 30 de set. 1979, p.02. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/142960>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

BRANCO, Ângelo Castelo. Ponto a Ponto: o alto astral do “Mucama”. **Diário de Pernambuco**, Recife, 27 de set. 1989. Caderno Turismo. P.03. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/159909>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

Casa Grande a bordo. **Diário de Pernambuco**, Recife, 15 de mar. 1989. Turismo, p.04. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_16/149530>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

Casa Grande & Senzala. **Diário de Pernambuco**. Recife, 24 de dez. de 1972. Caderno Social, P.03. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/36748>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

Diário de Pernambuco, Recife, 12 nov. 1972. Segundo Caderno, pág. 05. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/34872>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

Diário de Pernambuco, Recife, 15 nov. 1972. Primeiro Caderno, pág. 03. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/35000>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

Diário de Pernambuco, Recife, 22 de nov. 1972. Primeiro Caderno, pág. 09. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/35288>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

Diário de Pernambuco, Recife, 05 de dez. 1972. Primeiro Caderno, pág. 09. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/35884>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

EBCT faz lançamento de selo. **Diário de Pernambuco**, Recife, 14 de jan. 1984. P.04. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/029033_16/70920>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

Festa para Gilberto tem escravos e mucamas de “Casa Grande & Senzala”. **Diário de Pernambuco**, Recife, 15 de mar. 1974, p.03. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/53902>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

Homenagem à Rede Globo, **Diário de Pernambuco**, Recife, 31 dez. 1972, Primeiro Caderno, p.25. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/36932>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

Hospede seus desejos nessa arquitetura colonial, eles serão atendidos por 42 escravos, **Diário de Pernambuco**, Recife, 21 de dez. 1972. Caderno Especial, p.13. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/36588>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

Leia Léa: Aeromoça. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22 de jun. 1973. Segundo Caderno, p.06. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/029033_15/43868>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

LOPES, Mariana Manzano; PANOSSO NETTO, Alexandre. Análise das Políticas Federais de Turismo no Brasil (1930-2020). **Ateliê do Turismo**, v. 5, p. 200-224, 2021.

Roteiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, 20 de mar. 1974. Segundo Caderno, p.06. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/54125>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

SOBRAL, Thaís Notare. **Domingo: Revista Semanal do Diário de Pernambuco**, Recife, 04 de nov. 1973, p.03. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/49295>. Acesso em 31 de dezembro de 2020.

Referências Bibliográficas

BERGSON, Henri. Memória ou os graus coexistentes da duração. In: **Memória e Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Da seleção das imagens para a representação: o papel do corpo. In: **Matéria e memória**. Paulo Neves (trad.). 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. P. 11 – 82.

BOSISIO, Arthur. **Breve História do Turismo e da Hotelaria**. Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio/Conselho de Turismo, 2005.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

FENTRESS, James; WICKHAM, C. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992.

GINZBURG, Carlo. Sinais raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo Cia. das Letras, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. Usos e abusos do esquecimento. In: **Políticas de memória no nosso tempo**. Ana Fabíola Maurício (trad.). Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014. p.29-44.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão e Irene Ferreira. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1990.

MARROQUIM, Dirceu Salviano Marques. Entre sujeitos e instituições: turismo no Recife entre os anos 1939 e 1944. **Dissertação** (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História, 2015.

MELO, Alfredo Cesar. O texto e o pacto: estratégias discursivas em *Casa-grande & senzala* para pactuar a democracia racial. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, v. 77, p. 108-125, 2020. Disponível em:<

<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/178745/165366>>. Acesso em 19 de dez. de 2020.

_____. Saudosismo e crítica social em *Casa-Grande & Senzala*: a articulação de uma política da memória e de uma utopia. **Estudos Avançados**, v. 23, p. 279-296, 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, nº 20. São Paulo: Educ, 1993.

PROST, Antoine. **Doze Lições Sobre a História**. 2ª edição; 4ª reimpressão. Belo Horizonte: Autentica, 2017.

SILVA, Annara Mariane Perboire da. O processo de reorganização espacial da hotelaria do Recife: concentração em Boa Viagem e marginalização da área central. **Dissertação** (Mestrado em geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Recife, 2007.

SILVA, Naiara Alves. Uma memória, uma história e um afeto: algumas considerações sobre o pensamento de Gilberto Freyre. **Revista Estudos Políticos**. Rio de Janeiro, Vol. 6, N. 1, p. 208-227, dezembro 2015.